

# O si mesmo em P. Ricoeur:

## O problema ético na ipseidade do si

Jeferson Flores PORTELA DA SILVA

Universidade Federal de Santa Maria - RS Brasil

Muito diferente das discussões presente na trilogia de *Temps et récit* (1983-85), em *Soi-même comme un autre* (1990) Paul Ricoeur se pergunta mais a fundo sobre quem somos, levantando a questão que norteia a problemática da identidade pessoal, a saber, *Quem é você?* podemos dizer que iniciamos uma nova possibilidade de se perguntar pela identidade de uma pessoa. Responder quem alguém é sem determina-lo como um “quê” é grande desafio percebido por Ricoeur quando estamos trabalhando com conceitos indenitários, pois, narrativas acerca de quem somos nunca são fechadas ou dadas de antemão, no entanto, estão latentes em nosso dia-a-dia como uma pergunta que nunca encontra sua resposta, quem somos? (PELLAUER, 2010, p. 123).

Em *Temps et récit*, a problemática da narratividade é articulada como um alicerce capaz de garantir a estrutura de uma história, por conseguinte, salvaguardar a noção de ação do sujeito em um determinado tempo e espaço. Segundo Ricoeur, a identidade pessoal tem na narrativa a possibilidade de conhecer quem nós somos, um indivíduo que age, sofre, narra, isso, pelo fato de nos construirmos enquanto identidades narradas, por nós mesmo e por outrem. De *Temps et récit* para *Soi-même comme un autre*, temos uma mudança na visão da narrativa como centro de discussões e de problemas que isso vem a se estabelecer nas teses acerca do sujeito e tempo. Nessa segunda obra já citada, Ricoeur articula dois novos conceitos que apareciam em *Temps et récit* para o desenvolvimento da problemática da identidade pessoal, a saber: identidade-*idem* correspondendo a permanência no tempo da identidade *mesmidade* e identidade-*ipse* correspondendo ao conceito de permanência enquanto identidade *ipseidade*. A primeira permanência temporal da identidade é a *mesmidade*, ou a identidade-*idem*, que é

responsável pelo caráter estático da pessoa. A *mesmidade* é dita de muitas formas, a saber: identidade numérica, identidade por semelhança extrema, continuidade ininterrupta e a permanência no tempo. A *mesmidade* é definida como um conceito de relações entre modalidades que a compõe (RICOEUR,

1990, p. 140). Em verdade, Ricoeur não especifica de que ordem são as “relações” da *mesmidade*, contudo, temos no estudo V de *Soi-même comme un autre*, uma breve explicação onde o autor traz a luz que tais “relações” da *mesmidade* apontam para uma comunhão de uma modalidade com a outra, conforme estaremos expondo em seguida. A *mesmidade* como acabamos de colocar, possui uma complementaridade de uma modalidade com a outra, são elas: identidade numérica; identidade por semelhança extrema; continuidade ininterrupta e a permanência no tempo. Ambas serão melhor discutidas no encaminhamento do texto, por hora, ficamos com essa introdução do conceito de *mesmidade*.

O segundo conceito pertencente a identidade pessoal é denominada como *ipseidade*. *Ipseidade* é tido como identidade do *soi* (*si*) ou si mesmo. *Ipse* é “o idêntico a si, no sentido de não estranho”, ou seja, ser diferente mas ao mesmo ser mutável, porém, *ipseidade* não se torna um outro, mas adere a mudança interna conservando-se enquanto si próprio (RICOEUR, 1988b, p. 79). Essa distinção entre os conceitos de identidade-*mesmidade* e identidade-*ipseidade* é capital, na medida em que se trata de uma análise temporal do sujeito, isso é, o problema central que vem a surgir em *Soimême comme un autre* é exclusivamente a permanência no tempo da identidade pessoal (RICOEUR, 1990, p. 140; BOER, 1995b, 43). E ainda, Ricoeur salienta que quando não feita tais distinções entre as permanências no tempo da pessoa (*ipse* e *idem*) o perigo é obscurecer ainda mais a problemática da identidade pessoal (RICOEUR, 1988, p. 296), no entanto, temos nessas duas noções de permanência um entrecruzamento frutuoso que se desenvolve em outras duas noções orientas destas primeiras: *caráter* e *promessa* (manutenção de si), donde a pergunta pelo “que” (*mesmidade*) estará interna a pergunta pelo “quem” (*ipseidade*) é a identidade de uma pessoa. A importância das perguntas “que” e “quem” são definidas pela possibilidade de permanermos numa leitura objetual da identidade pessoal ou numa permanência que foge da objetividade do sujeito, buscando uma identidade não dada de antemão e que se constitua em um processo dialético sem síntese.

A pergunta pelo “quem” é a norteadora da problemática do si mesmo num sentido de não reduzi-lo a um substrato, expressa de um modo interrogativo podemos sempre nos perguntar por Quem nós somos?, ou seja, é sobre a esteira da ipseidade que os problemas da identidade vão se tornar decisivos para uma compreensão de quem somos. Vejamos: como falar ou expressar uma identidade que aceita a mudança, mas, ao mesmo tempo, é a identidade de um mesmo sujeito? Em língua inglesa temos uma expressão que remete exatamente essa permanência que a *ipseidade* causa na pessoa: *oneself as selfsame*. Em sentido literal seria ‘si mesmo como eu mesmo’ (SIMMS, 2003, p. 102).

Ora, para Ricoeur, tal distinção que percebemos entre as permanências no tempo da *mesmidade* e da *ipseidade* produzem uma rejeição, a qual tem que ficar bem clara. A negação de uma permanência para a outra é o da identidade de um sujeito idêntico a si mesmo na diversidade de seus estados, que não estaria correto afirmarmos isso, mas poderíamos nomear de *mesmidade pura* (RICOEUR, 1983, p. 443). A distinção realizada por Ricoeur entre *mesmidade* e *ipseidade* não são e nem pode ser entendida como um afastamento definitivo entre uma e outra, mas, ao contrário, existe uma dialética que vincula identidade-*idem* e *ipse*, numa constante dialética, na vida humana uma se torna indiscernível a outra (RICOEUR, 1995a, p. 29). Essa manobra frutuosa e até mesmo harmoniosa entre as duas permanências

temporais pode ser observada na noção de caráter, onde *ipseidade* e *mesmidade* recobrem-se, tendo um maior aparecimento da *mesmidade*, mas, na noção de manutenção de si (*promessa*) a *ipseidade* se liberta da *mesmidade* e se abre para a alteridade (RICOEUR, 1990, 146-147; GÖRTZ, 1995, p. 109-110).

## 1. A mesmidade

A *mesmidade* pode ser dita ou falada de certas modalidades que são capazes de se apresentar no tempo. Para Ricoeur, a *mesmidade* se apresenta como um conceito de relação e uma relação de relações (RICOEUR, 1990, p. 140). Dentro das modalidades pertencentes a *mesmidade*, temos em primeiro lugar a identidade numérica, em segundo a identidade por semelhança extrema, em terceiro a continuidade ininterrupta e, por fim, a permanência no tempo (RICOEUR, 1990, p. 140-143). Contudo, no itinerário trilhado por Ricoeur, percebemos que no estudo V da obra *Soi-même comme un autre*, tais “relações” se complementam, ou seja, existe uma unidade entre elas.

A primeira modalidade oriunda da *mesmidade* resume-se em identificar uma pessoa como o mesmo (identidade numérica). Assim, de duas ocorrências de uma coisa (objeto) referida por um nome invariável na linguagem comum, não dissemos que são duas coisas distintas mas “uma única e mesma” coisa. Salientamos que identidade, nesse caso, é unicidade: o contrário de unicidade é pluralidade; a esse primeiro componente da identidade corresponde uma noção de identificação, ou seja, reidentificação do mesmo, isto é, conhecer alguma coisa é reconhecer (RICOEUR, 1990, p. 140-141).

Num segundo momento temos a identidade qualitativa (semelhança extrema). Dizemos que X e Y usam a mesma vestimenta, ou seja, mesmo que troquemos um pelo outro, tendo presente sua semelhança, não temos perda semântica, portanto, identidade aqui é similitude extrema. Este modo de permanência da *mesmidade* é um critério indireto que se soma ao primeiro modo, pois “fortalece o fato de mostrar que o indivíduo é o *mesmo*, pois a semelhança do indivíduo agora identificado com o anterior leva a crer que se trata do *mesmo*.”

De acordo com Ricoeur, esse segundo momento da *mesmidade* (identidade por semelhança extrema) tem uma certa fragilidade, pois com a distância no tempo, os critérios de reconhecimento e identificação se tornam duvidosos, podendo ter uma hesitação ou contestação se de fato tal indivíduo é ele mesmo. Não temos dificuldade para reconhecer alguém quando entra e sai de uma sala de aula, e novamente volta a entrar na sala. Nesse caso essa dificuldade não aparece, pois o intervalo temporal da pessoa entrar e sair da sala é bastante curto. Mas quando estamos diante de um julgamento, onde supostamente se encontra o agressor e sua vítima e entre eles outros suspeitos. Como saber se realmente o agressor é tal pessoa? E se o suposto agressor negar tal crime, como saber identificar ele como sendo o mesmo que cometeu o delito uma vez que a distância temporal torna débil o critério de identificação. Para Ricoeur, a possibilidade de resolver esse problema é apresentar um terceiro modo de permanência da *mesmidade* que substituí-la a identidade por semelhança extrema (RICOEUR, 1990, p. 141-142). Entre o primeiro e o último estágio daquilo que nomeamos como indivíduos damos o nome de *continuité ininterrompue*. Esse critério de permanência temporal do indivíduo predomina em qualquer caso onde o crescimento e o envelhecimento operam como fatores de dessemelhança e, por implicação, de diversidade numérica. Sendo assim, essa continuidade se vincula ou substitui a semelhança extrema. Vincula-se se e se pensarmos a continuidade ininterrupta como um modo de preservação da semelhança extrema do primeiro estágio ao último e, substituiria se pensarmos que esse terceiro modo de

permanência da *mesmidade* possui uma ideia de substrato pertencente ao regime do mesmo (*même*), mas se altera, sem romper com esse tipo de identidade, a saber, identidade-*idem*. Para compreendermos um pouco melhor esse problema, o próprio Ricoeur nos dá alguns exemplos: assim, podemos dizer que um carvalho é o mesmo, do nascimento até seu inteiro desenvolvimento, o mesmo exemplo poderíamos dizer do homem (RICOEUR, 1990, p. 142). Ou ainda, os retratos de distintos momentos de nossa família, quando colocados um do lado do outro corremos o risco de ter uma ameaça a semelhança entre eles, porém sem rompê-las.

Contudo, o tempo nunca cessa de apontar para a diferença, ou seja, um certo afastamento de um estágio de nossa vida até o outro na própria continuidade ininterrupta entre os mesmos, pois, ainda é necessário pensar em um último princípio para salvaguardarmos a permanência de um si mesmo ao tempo. Para Ricoeur, esse princípio é conhecido como permanência no tempo (*permanence dans le temps*), para este último princípio teria que ser algo que superasse qualquer tentativa de desenraizado da pessoa pela força do tempo, então, Ricoeur, defende uma espécie de permanência de um código genético em um organismo biológico, ou seja, como se fosse a ideia de um substrato capaz de suportar a mudança ao tempo. Nesse sentido, o princípio de permanência no tempo atua como um “transcendental” da identidade numérica, pois se trata de uma “organização” que possibilitará a reidentificação do si mesmo como mesmo. Assim, temos esse princípio de permanência no tempo como algo que não se possa mostrar ou ser comprovado empiricamente, mas, é provado pela própria noção de identidade numérica, pois quando fazemos a identificação reidentifica-se o mesmo n vezes (RICOEUR, 1990, p. 141).

## 2. A ipseidade

Ao tratarmos da *mesmidade*, encontramos nessa permanência do tempo a pessoa em sua representação como algo objetual que, se apresenta como um substrato, mas, em razão das mudanças que temos de um estágio ao outro, é capaz de guardar alguns traços que permitem ser identificado e reidentificar como o mesmo. Por conseguinte, temos a permanência da *ipseidade* que corresponde pela adscrição de um agente e suas ações no mundo. Quando pensamos em uma resposta acerca do estatuto da identidade, temos que ter presente que a resposta para a distinção entre um caráter substancial da *mesmidade*, com uma certa adscrição das ações de um determinado agente pelo lado da *ipseidade* se instala pelo modo como é concebida a noção de *ipseidade*. Esta segunda permanência no tempo constitui o leque de resposta acerca da questão *quem?*, muito distinta da questão o *quê* da *mesmidade*. No ver de Ricoeur, no momento em que perguntamos pelo agente de tal ação, estamos nos referindo ao *quem* fez isto e não o *quê* fez isto (RICOEUR, 1988a, p. 297). Assim atesta-se de que “a ação é de posse daquele que a prática”, ou seja, de que a ação pertence tão somente ao seu agente, o *quem*.

Para expressar o termo *ipseidade* (*ipséité*), confrontando com a *mesmidade* (*mêmeté*), Ricoeur lança mão do recurso das línguas naturais, pois o ganho com o termo *ipseidade* está no sentido de reflexividade, quanto ao qual Ricoeur faz referência como a primeira intenção filosófica lançada na abertura de *Soi-même comme un autre*. O alcance filosófico ao colocar a expressão latina *ipse* está na significação de designar a eu próprio [*eu mesmo*], *tu* próprio [*tu mesmo*], *ele* próprio [*ele mesmo*], ou seja, a semântica da expressão já nos mostra um sentido evidente acerca da reflexividade do termo. Enquanto temos o *idem* como o mesmo, no sentido de o mesmo da pergunta *que*, a pergunta pelo *quem?*, que pontua a problemática acerca da permanência no tempo da *ipseidade* encontra-se presente na filosofia de Heidegger (*Ser e*

*Tempo*), se encontra também em Hannah Arendt (*A condição humana*).

Afirmar o “grau” de influência que Ricoeur sofreu desses autores seria algo delicado, pois não se tem condições de avaliar isso, entretanto, é notável a influência de Heidegger e Arendt para com a filosofia de Ricoeur no que se refere a questão do si mesmo.

Em um artigo intitulado *L'identité narrative*, Ricoeur afirma estar em comunhão com Heidegger ao compreender que a permanência da *ipseidade* pertence ao escopo de estudos do ente que Heidegger chamou de *Dasein*, caracterizando-o justamente pela capacidade de interrogar-se sobre o seu modo de ser e de estar no mundo e, dessa maneira, de se relacionar ao ser enquanto ser (RICOEUR, 1988a, p. 298). Para sustentar isso, Ricoeur afirma que:

A *Selbstheit* [*ipseidade*] é um dos *existentialia* [existenciais] que convêm ao modo de ser do *Dasein*, como as categorias, no sentido kantiano, convêm ao modo de ser das entidades que Heidegger caracteriza como *Vorhanden* e *Zuhanden*. O corte entre *ipse* e *idem* exprime finalmente o mais fundamental entre *Dasein* e *Vorhanden* e *Zuhanden*. Só o *Dasein* é meu, e mais geralmente um si. As coisas, sendo dadas e manipuladas, podem ser ditas minhas, no sentido de *idem*. Dito isto, o si [*ipseidade*] encontra-se em intersecção com o mesmo [*mesmidade*] num ponto preciso, precisamente a permanência no tempo (RICOEUR, 1988a, p. 298).

O problema que Ricoeur enfrenta agora, é que o modo de permanência no tempo tanto da *mesmidade*, quanto o da *ipseidade*, torna-se um problema para serem investigados pela hermenêutica do si (RICOEUR, 1990, p. 140). O problema da permanência no tempo da identidade-*idem* é descrita como uma estrutura organizada de forma combinatória, no entanto, quando falamos da *ipseidade*, poderíamos nos perguntar pela natureza desse modo de permanência da identidade, uma vez que não se trata de um conjunto estável como a *mesmidade*. Poderíamos defender a permanência de um substrato dentro do modo de permanência *ipse*? Para Ricoeur, no que se refere ao modo de permanência no tempo do polo *ipse*, esse não tem um sentido estrutural como encontramos no primeiro momento da identidade, mas sim, um modo de permanência no tempo que esteja vinculado com a pergunta pelo *quem?* e que tenha como resposta a constante interrogação pelo *quem sou eu?* (NASCIMENTO, 2009, p. 33).

### 3. O Caráter e a Promessa

Para Ricoeur, quando nos referimos a nós mesmos, dispomos de dois modos de permanência no tempo, a saber: o *caráter* e a *promessa* (*palavra empenhada* \ *dada*). O que há em comum, tanto no *caráter* como na *promessa* é a sua permanência na identidade de uma pessoa. É na noção de *caráter*, que entendemos ser as “marcas distintas” que permitem reidentificar um indivíduo humano como o mesmo e isso se deve pelos traços descritivos que o próprio *caráter* possui (RICOEUR, 1990, p. 144). É no *caráter* que se agrupam a identidade numérica, a identidade qualitativa, a continuidade ininterrupta e a permanência no tempo, conferindo *mesmidade* à pessoa. Além disso, Ricoeur diz que é no *caráter* que encontramos as “disposições duráveis com que reconhecemos uma pessoa” (RICOEUR, 1990, p. 146). Poderíamos dizer, tendo a teoria ricoeuriana como base que, o *caráter* possui duas formas de aparecer no que se refere a sua permanência à pessoa, isto é: por um lado, temos o *caráter* enquanto um composto de traços permanentes com quais reconhecemos tal pessoa e ao mesmo tempo nos torna semelhantes à outrem. Num segundo momento, temos uma rigorosa distinção de uma pessoa para a outra, pois o *caráter* atua como constituinte de uma crença,



onde nos identificamos como únicos, possuidor de um *caráter*, por exemplo, podemos nos mudar para qualquer outro país, com outra religião, cultura, língua, política, mas, o *caráter* que temos continua sendo o mesmo, em outras palavras, não mudamos o nosso *caráter*. Assim, podemos dizer que no modo de permanência do *caráter* se tem uma *mesmidade*, onde mantém que tal pessoa seja a mesma. Todavia, essa imutabilidade do *caráter*, é entendida como *disposição adquirida*, ou seja, possibilita falarmos de um problema que acontece dentro da própria dimensão *temporal do caráter*. Temos nesse sentido, *mesmidade* e *ipseidade* se relacionando em uma frutuosa dialética (RICOEUR, 1990, p. 145-147).

Quando falamos em *caráter* como *disposição adquirida*, devemos ter em mente que isso está em comunhão com a noção de hábito, a saber: “à la notion de disposition se rattache celle d’habitude, avec as double valence d’habitude em train d’être, comme on dit, contractée, et d’habitude déjà acquise”. O ganho para o *caráter* pela via do hábito é que, este agora pode ter uma história conferida e legitimada implicando em uma sedimentação do *caráter* e, por conseguinte, recobrimento da *ipseidade* (*ipse*) pela *mesmidade* (*idem*). Então, os hábitos adquiridos tornam-se *disposições duráveis*, ou seja, constitui um traço de *caráter*, um signo distintivo com o que nos faz reconhecermos uma pessoa, e ainda, identificamo-la(as) novamente como o mesmo indivíduo e, por conseguinte, temos o *caráter* como um conjunto de signos distintivos (RICOEUR, 1990, p. 146-147). Para Ricoeur, “meu caráter sou eu mesmo”, colocando a pessoa em movimento com ela mesma, no entanto, tendo o *ipse* recoberto pelo *idem*. A noção de disposição, além de ligar-se com o hábito contraído e adquirido, se liga, em um segundo momento, com o que Ricoeur nomeou de “*identificações adquiridas*”, as quais colocam o outrem na composição do mesmo, isto é, a identidade de um si mesmo, de uma comunidade, de um país, é constituída de “*identificações-com*” normas, costumes, valores, heróis, nos quais a pessoa, o país em que ela vive, se reconhecem por essas “*identificações*”. Para Ricoeur, o reconhecer-se em uma comunidade, atesta a ligação do *si* com a *alteridade*, e nesse sentido, se tem uma “uma ‘causa’ acima de sua própria vida” (RICOEUR, 1990, p. 147) e, por conseguinte, incorpora um elemento de fidelidade que resulta na *manutenção de si*, tida na filosofia ricoeuriana como outra forma de permanência da pessoa no tempo.

Tais *disposições adquiridas* do caráter são estabelecidas na pessoa por meio de predileções, que nos fazem reconhecer-se em uma gama de disposições. Nesse posicionamento, Ricoeur entende que é capital para compreendermos o “*agir humano*”, isto se deve pelo fato, de que, é conforme o seu *caráter* que tal pessoa dá valor moral às suas ações, as quais são sedimentadas pela noção de *caráter*. Acerca do sentido do *caráter*, Ricoeur fala que “é verdadeiramente “o quê” do “quem””, isto porque, reúne uma estrutura combinatória oriunda da *mesmidade* e as *disposições adquiridas* que fazem com que identifiquemos uma pessoa como a mesma. Nesse mesmo tempo, além da permanência da estrutura e das *disposições adquiridas*, temos ainda no *caráter*, o recobrimento do *idem* e do *ipse*. No entanto, esse recobrimento que acontece no *caráter*, entre identidade-*idem* e identidade-*ipse*, não coloca em jogo a distinção entre os modos de permanência no tempo. A questão que temos agora, é pensar como a *manutenção de si* se torna uma permanência no tempo se distanciando assim, da identidade-*mesmidade* e ficando sem o aporte do *idem*. Ora, a *manutenção do si* está assentada sob a questão interrogativa do *quem? Quem sou eu?*, e por meio desta pergunta pelo *quem?*, o outrem dá crédito a *palavra empenhada* na medida em que temos no ato de prometer uma manutenção ética do si mesmo. Podemos dizer que agora, a *ipseidade* deixa de se entrecruzar com a *mesmidade*, com isso, a *ipseidade* se abre para uma nova dialética com a *alteridade* (RICOEUR, 1990, p. 147-148).

Nesse sentido, a *promessa* pode ser pensada e inscrita como uma capacidade do “homem capaz”, ou seja, como uma capacidade que a pessoa tem de agir, exercer uma ação. Prometer é antes de tudo tomar iniciativa acerca do que se responsabilizou em fazer, sendo assim, iniciativa resulta em ser responsável por outrem, com isso, temos pela via da *promessa* (*ipseidade*) a entrada à problemática do outro. A demais, o agir humano se encontra ligado de uma certa maneira às normas, costumes, hábitos, uma ordem simbólica, pela qual a ação se localiza em uma região de sentido (RICOEUR, 1986, p. 300). Tendo a iniciativa como uma ação de sentido, presente em uma ordem simbólica, avaliamos pela filosofia de Ricoeur que a noção de *promessa* é dotada de sentido. Neste trajeto, o sentido possui uma iniciativa expressa, pois “do lado do *falante*, em “comprometer-se com” e, do lado do alocutor, em “contar com...” a promessa feita” (NASCIMENTO, 2009, p. 43). Para reforçar esse argumento acerca da iniciativa com sentido, encontramos em *Soi-même comme un autre*, o que Ricoeur chama de “responsabilidade”, cuja, ainda que por ventura a noção de identidade do si venha a entrar em colapso, o si se mantém enquanto uma resposta: “Eis-me aqui” à pergunta “Onde está você?”, essa pergunta colocada ao lado da resposta, nos anuncia a manutenção de si (RICOEUR, 1990, p. 195), ou seja, manter a si é manter-se de pé com a sua *promessa*.

Ao designarmos o modo de permanência no tempo da *ipseidade*, utilizamos o termo de *manutenção de si*, neste sentido, temos em Heidegger um acordo quanto à expressão que aparece nesse autor como *Selbständigkeit*, com a qual diferencia o *Dasein* dos entes subsistentes. A propósito da questão do si, Ricoeur destaca na obra *Caminos del reconocimiento* que existe uma “coloração” ética ao conceito de *manutenção de si*. Por sua vez, temos a manutenção da *promessa* como uma manutenção de si mesmo e, com isso, temos o paradigma da *ipseidade* (RICOEUR, 2005, p. 119). Essa fidelidade em manter-se na *promessa* é o que salvaguarda a permanência no tempo da identidade *ipseidade*, pois, ao contrário da permanência no tempo do *caráter*, do qual, tem sua estrutura alicerçada pela reidentificação do mesmo e pela pergunta “*quê*”. Para Ricoeur, a via ética da *promessa* permite que *ipseidade* e *mesmidade* deixem de coincidir, isto é, ao colocar a questão ética sobre o aporte da *ipseidade*, tendo assim, uma manutenção ética da *promessa*, se dissolve a equivocidade entre os dois modos de permanência no tempo. No entanto, Ricoeur salienta que, esse intervalo de sentido, entre a *promessa* (*ipseidade*) e o *caráter* (*mesmidade*) deve ser preenchido pela narrativa (RICOEUR, 1990, p. 150). Portanto, temos ainda o problema acerca da identidade narrativa de um si mesmo para nos ocupar, no entanto, isso irá acontecer em um trabalho futuro, no momento nos contentamos em analisar este problema acerca da permanência do tempo da identidade pessoal.

## Conclusão

Ingressamos na investigação, acerca da problemática da identidade pessoal em P. Ricoeur, tomando por base os textos de *Temps et récit* e *Soi-même comme un autre*, donde, se observa entre comentadores um divisor d’água para o problema da pessoa no tempo. Enquanto na primeira obra temos a narrativa como guardiã do tempo e das ações humanas, no segundo compêndio lançado em 1990, Ricoeur coloca a narrativa como mediação para uma problemática maior ainda: identidade pessoal entre as permanências no tempo *idem* e *ipse*. Tendo essa problemática acerca das permanências da pessoa no tempo, tratamos de elucidá-las para uma maior compreensão de sua importância no conceito de identidade.

A identidade-*idem* mostrou-se ser uma estrutura objetual, na qual se manifesta a

permanência no tempo por uma espécie de continuidade ininterrupta do próprio desenvolvimento humano, do nascimento até à velhice, mesmo tendo presente as mudanças gradativas, percebemos na *mesmidade* uma estrutura que tem perda na sua raiz biológica, isto é, continua sendo a mesma pessoa, indiferente dos anos terem passado e sua pele mudado, sua fisionomia deteriorada. Nesse sentido, Ricoeur nos diz que a *mesmidade* é uma relação de relações, no entanto, o próprio Ricoeur não esclarece bem como a *mesmidade* pode ser compreendida dentro dessa relação que ela tem consigo mesma, isso permanece como uma discussão em aberto. Outro aspecto acerca da *mesmidade* que podemos perceber ao longo do texto, foram as modalidades pela qual a *mesmidade* pode ser percebida em uma pessoa ou um objeto, isto é: identidade numérica; identidade por semelhança extrema; continuidade ininterrupta e a permanência no tempo. A unidade dessas modalidades presente na *mesmidade*, geram o que conhecemos pelo nome de *caráter*. Podemos dizer que o *caráter* é o “que” do “quem”. Para Ricoeur, o *caráter* não pode ser negado, mas, deve ser acrescentado, pois é com o *caráter* que se tem início à uma dialética primordial e capital com a identidade pessoal, a ponto de não se ter como separar ou pensar o “quem” sem o “que” (RICOEUR, 1990, p. 140-150).

Num segundo momento, nossa investigação levou-nos a nos perguntar pela questão da identidade-*ipseidade*, ou seja, como podemos expressar uma pessoa sem reduzi-la a uma *mesmidade*? Como podemos pensar e compreender uma permanência no tempo que não seja palpável, estrutural? Ao pensarmos nessas dificuldades acerca da permanência do polo *ipse*, temos como resposta a questão interrogativa do *quem*? *Quem sou eu?*. Em suma, o *si* “quem” é capaz de dizer, de narrar, de agir. Portanto, não temos na permanência no tempo da *ipseidade* uma estrutura invariável como se percebe na *mesmidade*, no entanto, a permanência da *ipseidade* se dá pela manutenção de suas promessas, de sua palavra, ou seja, no polo *ipse* temos a *promessa* como salvaguarda da identidade pessoal. Sendo assim, temos a *ipseidade* como uma constante interrogação acerca de *quem somos?*, a pergunta pelo *quem* se mantém latente na identidade de uma pessoa, sendo que ela deve se manter como pergunta, pois o fechamento da mesma em uma resposta completa, nos colocaria na pergunta “que” da *mesmidade*.

Por fim, caracterizamos a identidade pessoal em um todo, a saber: identidade enquanto *mesmidade*, tendo suas sub modalidades, que se agrupam na noção de *caráter*.

Com relação a noção de *ipseidade*, temos sua forma de permanência no tempo pela interrogação do *quem*, que por sua vez, se finaliza na *manutenção de si* realizada pela *promessa*. A *promessa* sendo uma atividade de confiança e credibilidade em empenhar sua palavra para com outrem, se liberta da permanência *idem* pelo vetor ético, pois, se comprometer em manter-se fiel a sua *promessa* para com o outro é, antes de mais nada, um comprometimento ético de fidelidade e manutenção de sua identidade.



## Referências

- BLAMEY, Kathleen. *Do ego ao si: um itinerário filosófico*. In: HAHN, Lewis Edwin. A filosofia de Paul Ricoeur. Lisboa: Instituto Paiget, 1999. cap. 4, p. 83 – 126.
- GRONDIN, Jean. *Pourquoi Heidegger met-il en question l'ontologie du sujet afin de lui substituer une ontologie du Dasein?* In: P. Brickle (Dir.). La Filosofía como pasión. Homenaje a Jorge Eduardo Rivera Cruchaga en su 75 cumpleaños. Madrid: Trotta, 2003, 191 – 197.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2004, v. 1 e 2.
- NASCIMENTO, Cláudio Reichert. *Identidade pessoal em Paul Ricoeur*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.
- PELLAUER, David. *Compreender Ricoeur*. Trad.: de Marcus Penchel. Petrópolis: Vozes, 2010.
- RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990.
- \_\_\_\_\_. *O si-mesmo como um outro*. São Paulo: Papyrus, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Temps et récit – Tome I: L'intrigue et le récit historique*. Paris: Seuil, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Temps et récit – Tome III: Le temps raconté*. Paris: Seuil, 1985.
- \_\_\_\_\_. *El conflicto de las interpretaciones. Ensayos de hermenéutica*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.
- \_\_\_\_\_. *A crítica e a convicção*. Lisboa: Edições 70, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Caminos del reconocimiento*. Madrid: Trotta, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Du texte à l'action. Essais d'herméneutique II*. Paris: Seuil, 1986.
- \_\_\_\_\_. *L'identité narrative*. *Esprit*, n. 7 – 8, p. 295 – 304, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Indivíduo e identidade pessoal*. In: VEYNE, P. et al. *Indivíduo e poder*. Lisboa: Edições 70, 1988b.

